

## A narrativa autorreferencial de Enrique Vila-Matas<sup>1</sup>

Débora Rezende Bezerra

### Resumo

A literatura se constitui a partir de sua conexão com a vida cotidiana, mas constitui-se também da relação que estabelece consigo mesma, com sua própria historicidade. São diversas as obras do autor espanhol Enrique Vila-Matas construídas a partir do diálogo e da retomada de ideias de distintos artistas, não apenas escritores. Na autorreferencialidade característica de seus romances, nos quais literatura e arte são tomadas como tema, Vila-Matas resgata e repensa tradições artísticas e, conseqüentemente, expande as possibilidades de interpretação do fenômeno artístico. Partindo de *Historia abreviada de la literatura portátil* (1985) e *Aire de Dylan* (2012), e sob o prisma da Estética da Recepção e dos estudos sobre narratologia de Gerárd Genette, busca-se, aqui, refletir sobre o modo como a produção vilamatiana se aproxima da obra de outros artistas e como este jogo intertextual levanta reflexões sobre a história literária, convocando o leitor a ocupar seu espaço neste processo, no qual ele é parte indispensável.

*Palavras-chave:* Vila-Matas, literatura, arte, intertextualidade, recepção.

### Resumen

La literatura se constituye a partir de su relación con la vida cotidiana, pero se constituye también de la relación que se establece con ella misma, con su propia historicidad. Son varias las obras del escritor español Enrique Vila-Matas construidas a partir del diálogo y la reanudación de ideas de distintos artistas, no sólo los escritores. En la auto-referencialidad de sus novelas, en las que literatura y arte se toman como tema, Vila-Matas rescata y replantea las tradiciones artísticas y, de este modo, amplía las posibilidades de interpretación del fenómeno artístico. A partir de *Historia abreviada de la literatura portátil* (1985) y *Aire de Dylan* (2012), y desde la perspectiva de la Estética de la Recepción y los estudios de la narratología de Gerárd

---

<sup>1</sup> O presente artigo é um breve avanço do trabalho de pesquisa realizado no quadro da dissertação de mestrado intitulada *A recepção da figura de Marcel Duchamp em Enrique Vila-Matas*, realizada sob a orientação do professor doutor Erivelto da Rocha Carvalho, e que está ainda em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília.

Genette, buscamos, aquí, reflexionar sobre cómo la producción vilamatiana se aproxima a la obra de otros artistas y cómo este juego intertextual plantea reflexiones sobre la historia literaria, invitando al lector a ocupar su espacio en este proceso, en el que es una parte indispensable.

*Palavras-chave: Vila-Matas, literatura, arte, intertextualidad, recepción.*



Literatura e arte sempre apareceram como temas centrais na obra do autor barcelonês Enrique Vila-Matas (1948), o que inclui tanto seus textos literários quanto seu extenso trabalho como ensaísta e resenhista. Em seu romance *Aire de Dylan* (2012), Vila-Matas mais uma vez constrói uma narrativa que se conecta a diversas obras de arte, literárias ou não, e que dialoga principalmente com sua *Historia abreviada de la literatura portátil* (1985), livro que o torna mais conhecido tanto em fronteiras espanholas como na América Latina.

Não é somente no diálogo estabelecido entre as mencionadas obras, diálogo este que o próprio autor destaca e comenta, que Vila-Matas lança reflexões sobre sua própria produção. Este caráter autorreferencial, antes de aparecer em conjunto em sua obra, aparece individualmente no interior de cada uma delas. Estas, além de proporem uma série de reflexões sobre outros textos e obras de arte, se tornam também um comentário sobre elas mesmas, um jogo com seus próprios conteúdos e formas.

Ao longo desta pesquisa sobre a obra do romancista espanhol, duas teorias sempre foram centrais. De um lado, a Estética da Recepção, trabalhada inicialmente por Hans Robert Jauss, possibilitou uma análise mais ampla desta narrativa autorreferencial, tanto por se distanciar de vertentes formalistas, principalmente pelo fato destas estudarem a literatura como uma representação autônoma, dissociada à sociedade, quanto por também se distanciar de teorias marxistas, como a Teoria do Reflexo, já que, pensando especificamente na obra de Vila-Matas, ambas vertentes acabam não sendo suficientes no momento de lidar com suas particularidades.

Por outro lado, importantes estudos sobre a teoria da metalinguagem também vêm sendo indispensáveis para a análise de obras que, como as de Vila-Matas, se encontram dentro do modelo que a crítica denominou comometaliteratura. Desta forma, os estudos de tais obras sempre se imbricam aos estudos sobre intertextualidade, sendo que neste trabalho destaca-se o estudo e o conceito de Gerárd Genette, segundo o qual intertextualidade é uma “relación de copresenciaentre dos o más textos [...] la presencia efectiva de un texto en outro” (GENETTE, 1982/1989, p. 10), definição que resume a relação dos romances *Historia abreviada de la literatura portátil* e *Aire de Dylan*, não apenas entre si, mas também entre as inúmeras obras que Vila-Matas utiliza na construção de sua narrativa.

A Estética da Recepção e os estudos narratológicos de Genette são teorias diferentes, mas que se aproximam em muitos aspectos. Em ambas, a figura leitora e os papéis desempenhados por ela estão sempre em relevo, de modo que, ao levantar discussões sobre a relação entre obra, crítica e leitor, acabam suscitando questões que vão além do ambiente interno à literatura. Embora Genette descarte qualquer projeto pautado em interpretações de possíveis intenções anteriores à obra, enquanto Jauss considere sempre a hermenêutica da pergunta e resposta, segundo a qual o texto ficcional pode sim apresentar questões que são anteriores a ele e responder questões externas, que se apresentam na sociedade, as teorias voltam a se cruzar quando analisam aspectos relacionados aos gêneros textuais.

Um dos termos chave do trabalho de Jauss é o *horizonte de expectativa*, uma relação entre a experiência literária do leitor e a expectativa que este cria diante de uma determinada obra. O gênero é o fator que exerce maior influência na formação deste horizonte e, por isso, é também um dos elos básicos que une os estudos narratológicos de Genette e a Estética da Recepção.

Em *Palimpsestos*(1982) Genette afirma que:

La determinación del estatuto genérico de un texto no es asunto suyo, sino del lector, del crítico, del público, que están en su derecho de rechazar el estatuto reivindicado por vía paratextual [...] La percepción genérica, como

se sabe, orienta y determina en gran medida el <<horizonte de expectativa>> del lector, y por tanto la recepción de la obra” (GENETTE, 1982/1989, p.13/14).

Desta forma, o teórico francês estabelece uma relação direta com a Teoria da Recepção e, assim como esta, direciona suas discussões também para um ambiente externo ao literário.

Pensemos então na influência dos gêneros na formação do *horizonte de expectativa* a partir destes dois romances de Vila-Matas. *Historia abreviada de la literatura portátil* é um romance que apresenta características de ensaio, historiografia e principalmente paródia. Seu próprio título já nos induz a pensar em um gênero e até mesmo em uma forma de compreender e lidar com este, de modo que se torna, segundo a denominação de Genette, um paratexto, ou seja, um dos elementos externos ao texto principal que lhe agregam informações e, conseqüentemente, exerce influência em sua recepção.

Ainda quando comenta as diferentes, porém não isoladas, dimensões da intertextualidade, Genette afirma que sempre junto ao hipertexto, no comentário de uma obra sobre a outra, existe um texto paratextual que estabelece um valor contratual. No caso de *Historia abreviada de la literatura portátil*, o título já é uma das marcas que acompanha o texto e atua na formação do *horizonte de expectativa* da obra, relacionando mais uma vez o horizonte interno ao horizonte externo ao texto.

Como já mencionado, em muitos aspectos *Historia abreviada* e *Aire de Dylanse* aproximam da paródia, que, por sua vez, se conecta intimamente com discussões sobre intertextualidade e também ocupa lugar de destaque nos estudos de Genette. Porém, estes romances, bem como outros de Vila-Matas, principalmente os que se inserem na fase metaficcional de sua produção, necessitam ser vistos a partir de perspectivas distintas quando se trata de analisá-los como paródias, isso porque, quando observamos a discussão total proposta por tais obras, nos deparamos com textos que atuam mais como autoparódias do que como paródias de outras obras.

De um lado, temos *Historia abreviada*, um romance que conta a história da sociedade secreta *Shandy*, uma conspiração formada por diversos artistas das vanguardas europeias da década de 1920. Seu narrador é um investigador do *Shandysmo* que busca a partir da análise de obras, documentos e conversas com pessoas que tiveram contato com membros dessa sociedade, revelar ao mundo as aventuras e desventuras destes artistas que buscavam exaltar o portátil na arte, cultivando a arte da insolência, iam contra tudo o que era demasiadamente sério, grave, sem nenhum sentido de humor, na vida e na literatura.

De outro lado, temos *Aire de Dylan*, uma história que conta muitas histórias, entre elas a de um narrador que prometeu para si próprio que já não voltaria a escrever, mas que se contradiz ao comentar sobre esse desejo de abandono à escritura justamente enquanto narra mais estas histórias. Este narrador também nos conta sobre a origem de outra sociedade infraleve, esta denominada Ar de Dylan, formada inicialmente por Débora e Vilnius, jovem que mantinha uma enorme semelhança com o cantor Bob Dylan em seus dias de juventude e que após o assassinato de seu pai, o escritor Juan Lancastre, passou a ser atormentado hamletianamente por seu fantasma que, assim como o pai de Hamlet, clamava por vingança contra seu assassino. E desta forma, durante a trajetória vivida por essa sociedade infraleve e pelo narrador, teatro e cinema aparecem intrinsecamente na constituição da narrativa, que além de aproximar a literatura de outras linguagens artísticas, aproxima a escrita deste já reconhecido e experiente Vila-Matas da escrita daquele jovem autor que 27 anos antes publicava *Historia abreviada de la literatura portátil*.

Fica evidente que em ambas as obras existe uma presença constante de outros romances e obras de arte que são fundamentais para a constituição da ideia de literatura proposta por Vila-Matas, são obras que dialogam com as conjeturas apresentadas no texto principal e que também determinam em grande medida o *horizonte de expectativa* do leitor. Porém, os apontamentos principais destinam-se não a estas obras, mas às ideias que estas ajudam a construir.

Quando o autor cria uma sociedade secreta denominada *Shandy*, também em homenagem ao romance *A vida e as opiniões do Cavaleiro Tristram Shandy* (1759), de Laurence Sterne (1713-1768), por exemplo, sabemos que não é sem motivo e que de alguma forma esta obra dialoga com os ideais desta conspiração e, conseqüentemente, com a construção desta nova narrativa. No entanto, *Historia abreviada* se trata menos de um jogo de Vila-Matas com o texto de Sterne do que um jogo com seu próprio texto.

Desde as primeiras páginas do romance é possível perceber esse jogo, no qual o autor começa a desenhar os traços de sua sociedade secreta, expondo sua existência e comentando suas características, para poucos parágrafos depois revelar que sua duração será extremamente breve, já que, devido à traição de um de seus membros, a conspiração *Shandy* se dissolverá. Este jogo se mantém durante toda a narrativa, logo após moldar as figuras que constituem o romance, o narrador rompe com as mesmas, de modo que cada fragmento se converte em uma desconstrução do fragmento anterior.

Após a dispersão da conjura portátil, um de seus membros tenta criar um retrato *Shandy* que simbolizasse também o que foi o *shandysmo*, porém essa criação não é possível e resulta em uma imagem indefinida, uma grande incógnita. Assim, a obra lança uma série de perguntas tanto para si própria quanto para o leitor, questões estas que ficam em suspensão.

Em resumo, o que se observa é que para a elaboração dessa narrativa que tanto se abre à imaginação e experiência do receptor, Vila-Matas não chega à metatextualidade a partir de outra obra. Na sua produção literária não há exatamente comentários críticos sobre obras específicas, e embora uma das características marcantes de seus textos seja a reunião de diversas citações de diversos autores, em geral, esta metatextualidade relaciona-se mais com autocitações do que com citações externas. Tudo isso se associa também ao caráter autoficcional de sua produção, na qual em diversos momentos a voz narrativa se confunde com a voz do autor, de maneira que não raramente resulta impossível separar quando o narrador é o

próprio Vila-Matas e quando é outra pessoa que apenas apresenta certas semelhanças com ele.

É o que ocorre com *Aire de Dylan*, temos um narrador que não é nomeado, mas que muitas vezes passa a impressão de que se trata sim do autor do texto. Por outro lado, temos o pai assassinado de Vilnius, um escritor que adotou muitas identidades dentro de suas produções literárias e que, além desta, também guarda outras grandes semelhanças com Vila-Matas. Temos ainda Vilnius e Débora, personagens principais do romance, que em seus anseios de artistas jovens e desejo de exaltar a leveza na arte se conectam com o jovem autor de *Historia abreviada*.

Aqui, duas obras relacionam-se fortemente com a vida dos personagens: *Hamlet* (1603), de Shakespeare e *Oblomov* (1859), do autor russo Ivan Goncharov. São obras cujas presenças perpassam toda a narrativa, mas que também não são o foco da discussão central. Este romance é especial porque além de captar a atenção do autor para sua própria construção, chama a atenção também para toda a produção vilamatiana, isso a partir do diálogo que este autor maduro, e agora considerado um dos grandes nomes da literatura hispânica contemporânea, estabelece com sua produção inicial que no decorrer desses anos passou por diversas transformações. A discussão sobre intertextualidade também se encontra com questões de semiótica, de relação entre diferentes linguagens e da aproximação entre crítica e criação, e o que faz Vila-Matas nesta obra é utilizar elementos de outras linguagens artísticas, além da própria literatura e, por intermédio delas, tecer uma autocrítica.

Tomando estas duas obras como exemplo, propõe-se pensar na paródia mais do que como um gênero, mas como uma figura de leitura. Ainda em *Palimpsestos*, Genette comenta que a “dimensión reducida y esta investidura a menudo extra o paraliteraria explica la inclusión en la retórica de la parodia, considerada más como una *figura*, ornamento puntual del discurso (literario o no), que como un *género*, es decir, una clase de obras.” (GENETTE, 1982/1989, p.29, grifos do autor).

Então, quando Vila-Matas seleciona uma série de artistas para fazer parte de sua conjura portátil, e quando insere, direta ou indiretamente, elementos de outras obras, ele dá origem a figuras que contribuem com a formação e comentário de uma ideia de literatura e que também estabelecem um diálogo com o leitor.

Também é interessante a diferenciação que Genette aponta entre imitação e transformação, chamando atenção para o fato de que um texto sério pode se transformar em texto cômico, e por outro lado, uma comédia também pode se transformar em uma tragédia, por exemplo. Ou seja, sempre existe uma possibilidade de transposição entre o sério e o satírico. No caso dos romances de Vila-Matas, os diversos textos e obras de arte que nele se apresentam e com os quais dialogam são transformados em figuras que constituem ideias. Deste modo, aqui também ocorre aquele processo que Borges acentua em *Kafka e seus precursores* (1951), em que o novo texto não apenas se constitui a partir da contribuição e do diálogo com textos anteriores, mas também lançam luzes e influenciam no modo em como estes são lidos.

Assim, o caráter autorreferencial da produção vilamatiana não a isola da literatura ou da arte, ao contrário, contribui com a formação de novos olhares sobre arte e com a constituição de ideias a cerca da literatura, cujas concretizações só são possíveis a partir do diálogo que estabelecem com ideias e obras dos mais diversos momentos e lugares, que recebem e lançam luzes sobre estas novas produções.

Mais do que transpor limites genéricos e aproximar diferentes linguagens artísticas, narrativas como as de Vila-Matas reforçam o valor da arte como patrimônio cultural e aproximam também passado e presente, além de proporem reflexões sobre o que ainda está por vir.

## Referências

BORGES, Jorge Luis, *Kafka e seus precursores* (1951), in *Outras inquisições* (1952). Obras completas. vol. 2. São Paulo: Globo, 1999, p. 96-98.

GENETTE, Gerard. *Palimpsestes: La literatura en segundo grado*. Trad. Celia Fernández Prieto. Taurus, 1982.

JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

VILA-MATAS, Enrique. *Aire de Dylan*. Barcelona: Seix Barral, 2012.

\_\_\_\_\_. *Historia abreviada de la literatura portátil*. Barcelona: Anagrama, 1985.